



As mães pretas das hortas comunitárias: mulheres que “cultivam segurança alimentar solidária” entre a horta e a cozinha

The Black mothers of community vegetable gardens: women who "cultivate solidarity and food security" from garden to kitchen

SOUTO, Leonardo¹; COSTA, Cassiane da²; CASTRO, Biane de³; ARRUE, Angélica⁴; MACHADO, Cleonice Rubim⁵; ALVES⁶, Aliandra da Silva Cunha
¹ UERGS, leonardo-souto@uergs.edu.br; ² UERGS, cassiane-costa@uergs.edu.br; ³ UERGS, biane-castro@uergs.edu.br; ⁴ UERGS, angelica-arrue@uergs.edu.br; ⁵ UERGS, cleonice-machado@uergs.edu.br; ⁶ UERGS, aliandra-alves@uergs.edu.br

RESUMO EXPANDIDO

Eixo Temático: Gênero, Feminismos e Diversidades na Construção Agroecológica

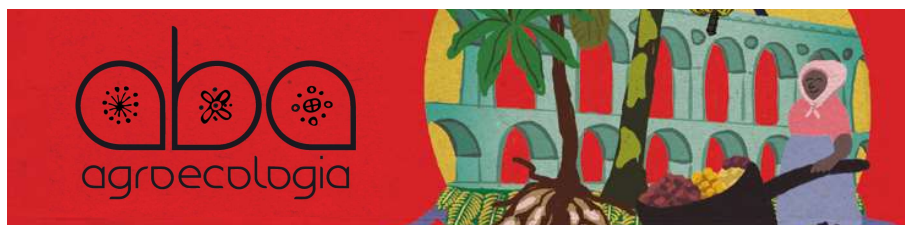
Resumo: Nesse trabalho buscamos conhecer quem são as mulheres que estão à frente das hortas comunitárias de Santana do Livramento/RS, bem como entender de que forma utilizam essas hortas para promover segurança alimentar e nutricional. As duas mulheres que protagonizam as hortas comunitárias que funcionam articuladas a cozinhas solidárias nos bairros São Paulo e Simão Bolívar são negras, da classe trabalhadora, mães e avós, lideranças sociais e mobilizam outras mulheres para desenvolver ações em prol de quem mais precisa. As dores sentidas na pele e no estômago por elas foram transformadas em potência para a transformação social, dororidade. Elas valorizam o coletivo e não medem esforços para diminuir os efeitos da miséria, promovendo o que chamamos de ‘segurança alimentar solidária’. As hortas comunitárias são utilizadas como ferramentas para tanto, garantindo a diversificação do cardápio da alimentação que é preparada e doada, com produtos saudáveis produzidos com base na agroecologia.

Palavras-chave: gênero; interseccionalidade; dororidade; agroecologia.

Introdução

O Brasil encontra-se atualmente nas primeiras posições entre os países que mais produzem e exportam *commodities*, entre eles, e com destaque, a soja. Entretanto há uma enorme disparidade entre essa relação de produção de grãos que são exportados e o fornecimento interno de alimentos que efetivamente chegam à mesa da população. Assim, o slogan “O Agro é Pop” difundido nas mídias em horário nobre não condiz com a realidade. Defendemos outro slogan: “A Agroecologia é Pop”. Ela sim, enquanto ciência, prática e movimento social, é capaz de produzir comida de verdade, nutritiva, sem contaminantes e com história, chegando à mesa de todas as pessoas. A experiência das hortas comunitárias de Santana do Livramento confirma essa afirmação na prática e mostra que agroecologia e segurança alimentar e nutricional andam juntas.

Segurança Alimentar e Nutricional é a garantia do direito de todos ao acesso a alimentos de qualidade, em quantidade suficiente e de modo



permanente, com base em práticas alimentares saudáveis e respeitando as características culturais de cada povo, manifestadas no ato de se alimentar. Esta condição não pode comprometer o acesso a outras necessidades essenciais, nem sequer o sistema alimentar futuro, devendo se realizar em bases sustentáveis. É responsabilidade dos estados nacionais assegurarem este direito e devem fazê-lo em obrigatória articulação com a sociedade civil, dentro das formas possíveis para exercê-lo (MALUF et al, 2001, p. 04).

Conforme dados da pesquisa realizada pela Rede PENSSAN (2022), no ano passado, no Brasil 33,1 milhões de pessoas não tinham o que comer, sendo que apenas 40% dos domicílios estavam em condição de segurança alimentar. Chega a doer o estômago (cheio) de quem tem empatia ao ler esses dados. Entretanto, a dor de quem sente fome é muito maior, como Carolina de Jesus descreveu em Quarto de Despejo (1997, p.167): “A pior coisa do mundo é a fome”.

Essa pesquisa de Rede PENSSAM (2022) também mostra que a fome tem cor e gênero. Em relação aos domicílios comandados por pessoas brancas, 10,6% sofriam com a fome (insegurança alimentar grave), enquanto nos comandados por pessoas pretas ou pardas, o percentual subia para 18,1%. A fome atingia 11,9% dos domicílios onde o homem era a pessoa de referência e 19,3% onde a mulher era a pessoa de referência (REDE PENSSAM, 2022).

As mulheres não brancas da classe trabalhadora que são chefes de família e que vivem em lugares que são considerados periféricos sofrem os efeitos de várias opressões de forma articulada, o que podemos chamar de interseccionalidade (AKOTIRENE, 2020). Essa dor compartilhada por essas mulheres negras pode se transformar em potência de mudança. Isso é o que tratamos nesse estudo com as experiências de duas mulheres negras, trabalhadoras, que vivem em bairros considerados periféricos no município de Santana do Livramento, São Paulo e Simão Bolívar. Dona Zoraide e dona Ironda são lideranças nesses locais, onde a animam a luta cotidiana contra a fome através de hortas comunitárias e cozinhas solidárias, entre outras iniciativas sociais.

Nesse contexto, através dessa pesquisa buscamos responder as seguintes questões: “Quem são as mulheres que estão à frente das hortas comunitárias? Qual a importância delas na promoção da segurança alimentar?”. Assim, o objetivo desse trabalho é conhecer quem são as mulheres que estão à frente das hortas comunitárias de Santana do Livramento/RS, bem como entender de que forma utilizam essas hortas para promover segurança alimentar e nutricional.

É importante dar destaque para questões de gênero, raça e classe social na agroecologia. Partimos da premissa que se não é antipatriarcal e antirracista e não defende os direitos de quem trabalha, não é agroecologia. De forma articulada, também precisamos tratar do papel que as hortas comunitárias têm na promoção da segurança alimentar e nutricional.



Metodologia

Para alcançar o objetivo da pesquisa, optamos pela Observação Participante e pela realização de entrevistas. Todos(as) nós, autor e autoras desse trabalho integramos a equipe do projeto de extensão sobre hortas comunitárias e pedagógicas desenvolvido pela UERGS em parceria com o SENGE Solidário e a Prefeitura Municipal em Santana do Livramento/RS. Dessa forma, desde o primeiro semestre de 2022 trabalhamos periodicamente nas duas hortas comunitárias sobre as quais tratamos nessa pesquisa, no Bairro São Paulo e no Bairro Simão Bolivar, conhecemos e criamos proximidade com suas lideranças. Essas hortas foram construídas e têm sua manutenção acompanhada no âmbito do projeto, sendo todas as práticas pautadas nos princípios da agroecologia.

Essa proximidade e o tempo de convívio favorecem a troca entre sujeitos e sujeitas da pesquisa, possibilitando observar e fazer parte de fatos cotidianos sobre essas mulheres e o trabalho que desenvolvem. Dessa forma, as entrevistas foram facilmente concedidas após contato prévio. Elas foram realizadas com apoio de roteiro de questões e gravador, com a autorização das entrevistadas. Ainda utilizamos como ferramenta a fotografia, sendo as imagens autorizadas pelas entrevistadas que pediram para ser fotografadas junto às hortas e autorizaram a divulgação de seus nomes.

Resultados e Discussão

As duas mulheres que protagonizam as hortas comunitárias que funcionam articuladas a cozinhas solidárias nos bairros São Paulo e Simão Bolivar são Maria Zoraide Rosadilho Maciel, 73 anos, e Irondina Xavier Armero, 65 anos. Elas são mulheres negras, da classe trabalhadora, mães e avós, lideranças sociais e mobilizam outras mulheres, geralmente mães de crianças, para desenvolver ações em prol de quem mais precisa no lugar onde vivem.

As entrevistadas contam que foi a necessidade que sentiram em fases de suas vidas, especialmente infância e juventude que as mobilizaram para agir de forma a evitar que outras pessoas passem pelas mesmas situações. Assim, a partir da dor do frio sentido na pele da Dona Zoraide, ela passou a mobilizar forças para que outras pessoas não sentissem essa dor, especialmente crianças. Atualmente o grupo tem um brechó solidário que recebe roupas usadas, vende a preços populares para manutenção das atividades do clube de mães, e doa a quem precisa.

Já dona Irondina conta que foi a partir da dor da dificuldade para se alimentar e alimentar suas crianças e da gratidão à ajuda recebida que ela passou a protagonizar ações para arrecadar doações, preparar e distribuir refeições (cozinha solidária), especialmente para crianças. Conforme Carolina de Jesus (1997, p. 26) “A fome também é professora. Quem passa fome aprende a pensar no próximo e nas crianças”.



Figura 01 – Dona Ironda (esq.) e Dona Irondina (dir.) nas hortas comunitárias

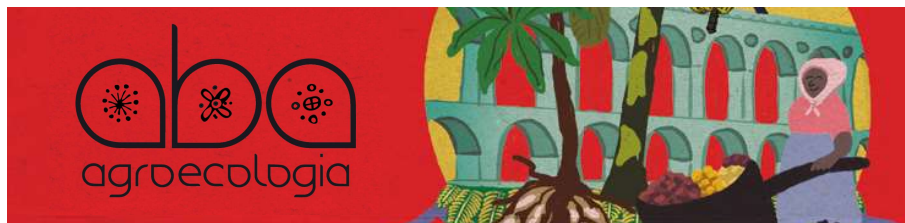


Fonte: Arquivo pessoal de Leonardo Souto, 2023.

Dona Zoraide, moradora do bairro São Paulo, relata estar envolvida com iniciativas de ações solidárias desde o ano de 2001. O projeto do clube de mães sobrevive graças às essas doações que vão desde os alimentos para o preparo diário de refeições para a comunidade e principalmente crianças, até demais doações como roupas e colchões, bem como utensílios domésticos. Ainda acontecem na sede do clube de mães aulas de reforço escolar e encontros de evangelização para crianças. A entrevistada relata que, em média, mais de 200 pessoas são beneficiadas por dia pela cozinha solidária, entre adultos e crianças, sendo a maioria crianças.

Já Dona Irondina conta que há pelos menos treze anos está envolvida com projetos de ação solidária em seu bairro, Simon Bolívar, área de ocupação. Nos últimos três anos, desde o início da pandemia, ela passou a protagonizar o recolhimento de doações, preparo e entrega de refeições para famílias que precisam no bairro, cerca de 35 pessoas atendidas duas vezes por semana. Essa cozinha solidária acontece em sua casa e tem apoio do Movimento Nacional de Meninos e Meninas de Rua do qual ela faz parte. Além disso, acontecem aulas de reforço escolar, canto e evangelização para crianças e brechó solidário.

Foi a dor compartilhada por essas mulheres negras, periféricas, da classe trabalhadora com outras pessoas, especialmente mulheres e crianças, que mobilizou a ação para a transformação da realidade através da mobilização de outras mulheres da comunidade. Assim, a dor sentida na pele (frio) e a dor sentida no estômago (fome) por elas foram transformadas em potência para a transformação social. Essa potência de mudança que emerge da dor compartilhada por mulheres negras é conceituada como dororidade por Vilma Piedade em 2017. Esse termo explica bem o que move a luta protagonizada por essas duas mulheres.



Nessa jornada de auxílio às pessoas que mais precisam em suas comunidades, ambas as mulheres iniciaram hortas comunitárias. A partir de pouco êxito na primeira tentativa, elas somaram forças com o projeto de extensão da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul e retomaram suas hortas comunitárias que, desde 2022 estão fortes e produtivas. Em ambos os casos, as hortas comunitárias são utilizadas como ferramentas para promoção da segurança alimentar. As entrevistadas ressaltam que os alimentos são frescos e livres de contaminantes, melhorando os hábitos alimentares da população local.

Dona Zoraide explica que a horta contribui muito para a complementação da alimentação da comunidade que se beneficia do projeto. Também há doações para quem precisa e venda de hortaliças àqueles que desejam contribuir financeiramente. Os valores arrecadados também retornam ao projeto para a compra de mais alimentos que não são produzidos na horta.

[...] do moranguinho, nós fazemos sucos para as crianças, também o picolé. Elas comem beterraba todos os dias quando ela está boa para colher, as cozinheiras fazem ela ralada e eles aprenderam a comer. Também comem a cenoura ralada. Um guisado de repolho com arroz eles aprenderam a comer, alimentação saudável porque é da terra e nós produzimos.

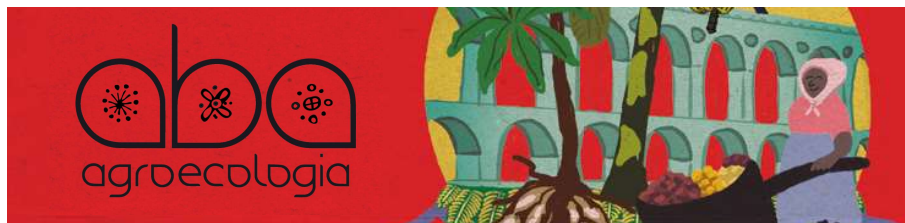
Ela relata que antes da horta comunitária, o fornecimento de legumes e verduras não era tão constante, e após a reconstrução da horta esses alimentos passaram a fazer parte do cotidiano das crianças. Elas têm aprendido sobre alimentação saudável desde então, gostam de comer as hortaliças, e pedem quando não tem. A entrevistada reconhece a importância dessa mudança de hábitos alimentares para a saúde a saúde dessas crianças.

Já no Bairro Simão Bolivar, dona Ironda relata que a horta comunitária tem contribuído imensamente na diversificação e na qualidade da alimentação das famílias do bairro. Conforme ela, além de complementar a alimentação de beneficiados(as) pela cozinha solidária (que ela chama de panela solidária), também são doadas hortaliças para a vizinhança da comunidade. Ela costuma trabalhar na horta, mesmo com problemas de saúde.

Dona Irondina ainda lembra que a horta comunitária é essencial, não só para saciar a fome das crianças, como também contribuem para uma alimentação mais saudável, proporcionando melhor seu desenvolvimento adequado e fortalecendo suas capacidades de aprendizagem. Nesse sentido, ela solicitou mudas de beterraba para a horta. Para justificar, dona Irondina contou que ela pessoalmente não gosta de beterrabas, mas que manda para “suas barrigudas”, forma como ela chama as grávidas do bairro. Ela ainda complementou que as crianças precisam de ferro para nascerem fortes e que tem bastante na beterraba.

Conclusões

Dona Zoraide e dona Irondina trazem consigo uma forte preocupação com o cuidado, atribuição que socialmente costuma ser repassada às mulheres. Elas



querem cuidar das pessoas ao seu entorno, como mães costumam cuidar de filhos(as). Nesse sentido utilizamos mães pretas no título. O bairro é uma família ampliada para elas, tanto que costumam dizer “minhas crianças”, “minhas mulheres”, “minhas barrigudas”. Temos muito a aprender com suas representações e práticas entorno da coletividade.

A dororidade explica o fato de que essas lideranças comunitárias negras, da classe trabalhadora e periféricas não meçam esforços em prol da coletividade e mobilizem outras mulheres. Nesse sentido, elas promovem o que chamamos de “segurança alimentar solidária”, a segurança alimentar e nutricional que é pautada na noção de solidariedade entre sujeitas e sujeitos que compartilham opressões e que querem transformar a realidade onde vivem, “construindo novos mundos”.

As hortas comunitárias são utilizadas como ferramentas para a promoção da segurança alimentar e nutricional, garantindo a diversificação do cardápio da alimentação que é preparada e doada, produzindo comida de verdade. A partir dela, hábitos alimentares são modificados e saberes e afetos são compartilhados. Mais que isso, o espaço da horta também pode ser utilizado para mobilizar a comunidade de maneira coletiva e pensar-agir em torno das diferentes opressões vivenciadas nessa realidade. Dessa forma, entendemos que fomentar a criação de novas hortas comunitárias e fortalecer as existentes é um passo importante para quem luta pela agroecologia.

Referências bibliográficas

AKOTIRENE, Karla. **Interseccionalidade**. 3ª reimpressão. Coleção Feminismos Plurais. SP: Sueli Carneiro, Jandaíra, 2020.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo**: diário de uma favelada. 6ª ed. SP: Editora Ática, 1997.

PIECADE, Vilma. **Dororidade**. Coleção Conceitos. SP: Ed. Nos, 2017.

REDE BRASILEIRA DE PESQUISA EM SOBERANIA E SEGURANÇA ALIMENTAR – PENSSAN. **II Inquérito Nacional sobre Insegurança Alimentar no Contexto da Pandemia da COVID-19 no Brasil**. Relatório final. São Paulo, SP: Fundação Friedrich Ebert: Rede PENSSAN, 2022.